

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
PUC- SP – FACHS

GUSTAVO BIANCARDI DIEGUES

**“Eu sou eu. Quero ser eu. E quero ficar aqui. E tudo bem!”: uma análise do
processo depressivo de Shinji Ikari, na obra Neon Genesis Evangelion**

SÃO PAULO - SP
2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
PUC- SP – FACHS

GUSTAVO BIANCARDI DIEGUES

“Eu sou eu. Quero ser eu. E quero ficar aqui. E tudo bem!”: uma análise do processo depressivo de Shinji Ikari, na obra Neon Genesis Evangelion

Trabalho realizado como trabalho de conclusão de curso em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Sob a orientação da professora dra. Ivelise Fortim de Campos.

SÃO PAULO - SP
2022

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos meus amigos e colegas do curso de Psicologia da PUC-SP, por terem me apoiado durante a produção deste trabalho, dando suas opiniões e compartilhando referências a serem usadas. Também agradeço minha namorada, que me fez companhia durante as análises feitas, oferecendo opiniões externas e me incentivando a me dedicar mais no trabalho. Sou grato pela minha mãe, minha única familiar presente, que apoia nas minhas decisões e possibilitou que eu cursasse psicologia. Por fim, também sou muito agradecido pela minha orientadora neste trabalho, que se dedicou em dar o suporte necessário para a conclusão da análise.

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso, “Eu sou eu. Quero ser eu. E quero ficar aqui. E tudo bem!”: uma análise do processo depressivo de Shinji Ikari, na obra Neon Genesis Evangelion”, aqui apresentado foi produzido por Gustavo Biancardi Diegues, sob a orientação da professora doutora Ivelise Fortim de Campos, no ano de 2022. O objetivo deste trabalho foi observar o personagem protagonista do anime “Neon Genesis Evangelion”, nomeado Shinji Ikari, e analisar a possibilidade de ele apresentar um processo depressivo ao longo da obra. Para isso, a obra foi assistida ao menos duas vezes, anotando e destacando diversas cenas e eventos relevantes ao processo depressivo, relacionando o que foi observado com os conceitos de depressão na psicologia analítica. Essas relações foram feitas com foco em suas questões psicodinâmicas, o que deu destaque às relações interpessoais do personagem, principalmente com seu pai. Dessa forma, foi possível concluir que o protagonista sofre com seu processo depressivo ao longo de toda a obra, tendo o fim do anime como, também, o fim de sua depressão, mas também mostrando a relevância da saúde mental no jovem e a necessidade do apoio psicológico durante as fases de desenvolvimento do ser humano.

Palavras-chaves: depressão, processo depressivo, Evangelion, Shinji, psicologia analítica, sombra.

Sumário

1. Introdução	5
2. Objetivo.....	8
3. Método.....	9
4. A depressão na perspectiva médica.....	10
5. A depressão pela psicologia analítica.....	11
6. Neon Genesis Evangelion.....	22
6.1 Shinji Ikari.....	24
7. A relação do personagem com seu pai.....	25
7.1 O processo depressivo do personagem.....	26
7.2 O processo depressivo e suas questões psicodinâmicas.....	28
7.3 A culpa e o relacionamento com o pai.....	30
7.4 A apatia de Shinji Ikari e seus relacionamentos interpessoais.....	33
7.5 “Instrumentalidade” e a descida ao Hades.....	37
7.5.1 O confronto com a sombra e a descida à Hades.....	39
8. Considerações finais.....	41
9. Referências.....	43

1. Introdução

O interesse em observar e analisar o processo depressivo do personagem principal do anime Neon Genesis Evangelion, sob a luz da psicologia analítica, surgiu durante um momento de reflexão sobre como os animes representam tópicos como a depressão e outros aspectos da psicologia, de uma forma que seja possível notar o processo pelo qual o personagem passa. No caso dessa produção animada, o processo depressivo observável no personagem Shinji Ikari é mostrado a partir de suas interações e percepções do mundo exterior, sua relação paterna e sua auto-imagem.

Mangás e animes são altamente consumidos na maior parte do mundo, expandindo cada vez mais a influência da cultura japonesa em outras culturas. As histórias contadas, que usualmente apresentam aspectos da história do Japão, adentram diversos gêneros literários, permitindo que as obras sejam acessíveis e de satisfação para qualquer leitor ou espectador. Quanto mais os animes se popularizam, maior sua influência em outras formas de mídia e no público que os consomem. Sendo assim, é importante notar o papel de Neon Genesis Evangelion nesse contexto, como citado pelo jornalista Charles Solomon em seu artigo “Anime Series Draws on a World of Alienation” em 2002, o anime lançado em 1995 foi aclamado pela crítica e pelo público gerando lucros enormes e mantendo a franquia “Evangelion” viva até hoje, com os filmes denominados “Rebuild of Evangelion”, tendo o ato final lançado no ano de 2021. Além de sua influência no próprio âmbito dos animes e outras obras, essa produção deixou sua marca não apenas como um clássico do gênero “Mecha” mas também como um drama psicológico, onde o próprio autor reflete sua época depressiva na história contada. Dessa forma, Neon Genesis Evangelion é também uma história de auto aceitação e o processo depressivo.

Os animes e mangás são obras de origem japonesa que vão além do entretenimento na forma de histórias, fazendo parte e expressando a cultura do país. As obras são acessíveis para todas as idades graças à variedade de gêneros e temas abordados e servem também para expressar a mente do autor e sua imaginação.

Os animes nasceram no século XX, e tiveram seu crescimento com destaque nas décadas após a segunda guerra mundial, quando surgiram estúdios dedicados

aos animes e seus filmes, como Madhouse (1972), Kyoto Animation (1981), Studio Ghibli (1985) e Studio Bones (1988). Então, nas décadas de 80 e 90 diversos animes se popularizaram além do Japão, estendendo seu alcance ao ocidente com títulos como Dragon Ball, Sailor Moon, Cavaleiros do Zodíaco e Neon Genesis Evangelion. Foi a partir desse momento que a cultura japonesa abriu seu caminho na cultura ocidental e fomentou o mercado de mangás e anime no mundo todo. Atualmente ocorrem diversos eventos ao redor do mundo dedicados a essa cultura dos animes e mangás, assim como sessões inteiras de livrarias e bibliotecas focadas nesses produtos. Hoje em dia, diversos animes são transmitidos na televisão, seja por TV aberta, canais pagos ou serviços de streaming, e consequentemente viram produtos de consumo para um enorme público, variando de crianças até adultos. Assim se tornam influentes nas vidas dessas pessoas, participando do desenvolvimento das crianças e ainda servindo de entretenimento para qualquer idade, disponibilizando uma variedade enorme de gêneros e temas a serem abordados.

Vale notar que um dos focos do seriado é, de fato, o processo depressivo do protagonista, sendo o fim do anime a conclusão de sua jornada pela depressão após mergulhar em seu próprio psicológico. Esse aspecto da história vai além da narrativa, sendo que o autor Hideaki Anno explica em uma entrevista como projetou sua própria depressão e o relacionamento com seu pai na obra. Hideaki nasceu no ano de 1960 e lançou sua primeira história em 1988 com “Gunbuster”, mas seu trabalho mais conhecido é “Neon Genesis Evangelion” (1995). Em 1990, ele estreou o anime “Nádia: O Segredo da Água Azul”, sendo nomeado ao Anime Grand Prix award, foi logo em seguida que ele expressa ter caído numa depressão que durou por volta de quatro anos e entregou seu anime recém-lançado para Hayao Miyazaki. Foi após esses quatro anos de seu processo depressivo que Hideaki estreou “Neon Genesis Evangelion”, seu anime composto por diversos elementos psicológicos e até religiosos, possivelmente resultado do período depressivo que sofreu e de seu histórico com depressão clínica. Sendo assim, se torna interessante observar e analisar o processo depressivo do personagem criado por Hideaki Anno, que experienciou a depressão, e o relacionamento que o protagonista leva com o pai, permitindo não somente uma obra rica de diversos elementos da psicologia mas também uma melhor compreensão da vida do autor.

Neste trabalho será observada e analisada a obra Neon Genesis Evangelion, do autor Hideaki Anno, com o foco no protagonista, sua psique, comportamentos e

suas relações com os demais personagens. Essa análise será feita com base na psicologia analítica e seus entendimentos da psique humana e do processo depressivo, a partir da revisão bibliográfica acerca da depressão dentro da psicologia junguiana e pós-junguiana.

2. Objetivo

Analisar o anime Neon Genesis Evangelion, com foco no personagem protagonista Shinji Ikari e sua depressão ao longo da história contada, a partir de uma revisão teórica da psicologia analítica utilizando diversos autores e obras que abordam os temas da teoria e do processo depressivo.

3. Método

Para a realização da análise proposta neste trabalho, foram assistidos os 26 episódios do seriado de televisão “Neon Genesis Evangelion”. O anime foi assistido duas vezes por completo, e mais outras vezes com foco em episódios ou cenas específicas, que mostraram-se interessantes à análise do processo depressivo do personagem protagonista.

Como base da análise, foi usada a psicologia analítica e seus diversos autores que exploram a depressão em suas obras, assim como outros conceitos como a sombra e o encontro com ela no inconsciente. É aproveitado também as diferentes percepções que cada um desses autores apresentam sobre a depressão e o que ela significa à pessoa e seu desenvolvimento como ser. Desta forma, os acontecimentos do anime foram acompanhados levando em consideração as visões que diversos autores da psicologia analítica têm sobre a depressão e o processo depressivo. Em seguida, foram mais detalhadamente elaborados os eventos da narrativa que apresentaram alguma significância ao estado psicológico do personagem principal, notando a sua progressão pelo processo depressivo e como ele lida com cada etapa de sua jornada.

4. A depressão na perspectiva médica

A depressão é um transtorno psicológico que apresenta sintomas como humor deprimido, insônia, cansaço, sentimento de vazio e tristeza, diminuição da libido (interesse e prazer), dificuldade de concentração, instabilidade psicomotora e perda ou ganho de peso sem alteração na dieta. Esses sintomas são listados como critérios para o diagnóstico de depressão, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (American Psychiatric Association, [APA], 2002, p. 345). Conhecendo esses sintomas, o tratamento médico psiquiátrico usa de medicamentos para tratar o paciente depressivo, enquanto a psicologia analítica busca entender o sentido do sofrimento do paciente e ajudá-lo a enfrentar os conteúdos inconscientes que originam sua depressão.

Além da definição da APA, a medicina já estuda a depressão a séculos, destacando René Descartes no século XVII quando escreveu sobre doenças mentais e levantou questionamentos sobre como a mente afeta o corpo e o corpo afeta a mente, e se depressão é um desequilíbrio químico ou fraqueza humana (SOLOMON, 2001). No século seguinte, Nicholas Robinson apresentou a depressão como resultado da falha na elasticidade das fibras cerebrais, o que foi seguido por Friedrich Hoffman que sugeriu um aspecto hereditário da depressão. (SOLOMON, 2001). Emil Kraepelin (1921) apresentou uma visão biológica da depressão e outras doenças mentais, afirmando que todas têm base bioquímica. O psiquiatra então dividiu a depressão nas categorias leve, moderada e grave, resumindo os sintomas em desinteresse, falta de energia e dificuldade de expressão, decisão, pensamento e de acompanhar um diálogo simples (SOLOMON, 2001).

Existem diversas pesquisas sobre a depressão na área médica, mas não há suficientes evidências para determinar de fato os processos bioquímicos responsáveis, mesmo assim é apontado para a queda dos neurotransmissores relacionados ao humor: serotonina, noradrenalina e dopamina (GUARIENTE, 2000).

5. A depressão pela psicologia analítica

Para a realização deste trabalho, é necessário explicar alguns conceitos desenvolvidos por Jung para entender o que é a depressão de acordo com a psicologia analítica. Começando pelo Ego, este é o termo usado por Carl G. Jung para definir o consciente do indivíduo, referindo-se a tudo que ele conhece sobre si mesmo, seu corpo e sua existência (JUNG, 1985). Sendo a parte consciente do ser, o Ego é composto por características pessoais como desejos, reflexões e ações, formando a identidade pessoal da pessoa (STEIN, 1997). Oposto ao Ego, tem-se o inconsciente, parte do ser que é desconhecida a ele, composto por conteúdos psíquicos fora da consciência, sendo estes conteúdos reprimidos ou esquecidos (JUNG, 2001). Na teoria de Jung, o inconsciente apresenta diferentes possibilidades de ser e novas perspectivas frente à "escuridão" (SALMAN, 1998, p. 118). O inconsciente é dividido por Jung entre o coletivo e o pessoal, sendo o último conhecido como "sombra". É exatamente a sombra que representa o oposto do Ego, ela é formada por todo conteúdo reprimido dele. No livro de Connie Zweig, "Ao encontro da Sombra", ela define a sombra como o lugar onde é depositada todas as qualidades que não são adequadas à imagem da pessoa, sendo consideradas inadequadas características que são mal vistas pela sociedade. A sombra é composta de instintos, impulsos, ideias, qualidades e habilidades que foram rejeitadas ou nunca levadas ao consciente (ALMEIDA, 2020).

É importante também evidenciar a divisão do inconsciente feita por Jung, entre o pessoal e o coletivo. O inconsciente coletivo é composto por elementos "naturais" ao humano, são aqueles absorvidos pela espécie ao longo da evolução humana. O coletivo é parte fundamental da psique humana, onde é compartilhado a identidade humana e a capacidade de compreensão entre seres humanos em geral (ALMEIDA, 2020). Já o consciente pessoal é onde encontram-se lembranças, ideias e percepções reprimidas ou incapazes de alcançar a consciência, e também conteúdos que ainda não estão prontos para se revelarem.

Outro conceito essencial é o *Self*, que é composto por aspectos do consciente e do inconsciente, sendo assim a totalidade de psique do ser. O *Self* tem todos os conteúdos da pessoa imersos nele (SAIZ, 2006), e por isso se torna responsável pelos símbolos e imagens a serem expressados, sendo que esses símbolos são parte do processo de individualização do ser. Esse processo é o desenvolvimento

psicológico da pessoa, tornando ela singular ao juntar os elementos conscientes e inconscientes, assim unindo os conteúdos internos ao Ego e aproximando este a *Self*.

Em seguida, tem-se a *Persona*, esse conceito se refere a como o indivíduo se relaciona com o mundo social, inconscientemente e conscientemente (GIGLIO, 2017). Ou seja, é como a pessoa é vista publicamente, como ela é observada e compreendida pelos outros, sendo que a *Persona* é formada pelas expectativas da sociedade sobre o indivíduo e dele sobre si mesmo, então escondendo diversos pensamentos e sentimentos inconscientes.

Dessa forma, esses conceitos compõem a análise do processo depressivo pela psicologia analítica. Neste trabalho será observado como cada um destes elementos da psique interagem entre si e com a depressão, também levando em conta as reflexões de diversos autores da psicologia sobre o assunto abordado.

Na psicologia analítica, Jung diz que o diagnóstico e a formação médica são necessários, mas não suficientes, para o tratamento de um paciente com quadro depressivo, pois também é preciso entender o simbolismo na depressão do indivíduo. Jung também expressa que a vida e depressão do paciente não se restringem ao consultório médico, por isso o tratamento é impossível sem conhecer a história pessoal da pessoa e, por isso, é preciso alcançar além do material consciente do indivíduo.

Para mim, a verdadeira terapia só começa depois de examinada a história pessoal. Essa representa o segredo do paciente, segredo que o desesperou. Ao mesmo tempo, encerra a chave do tratamento. É, pois, indispensável que o médico saiba descobri-la. Ele deve propor perguntas que digam respeito ao homem em sua totalidade e não limitar-se apenas aos sintomas. Na maioria dos casos, não é suficiente explorar o material consciente. Conforme o caso, a experiência de associações pode abrir o caminho à interpretação dos sonhos (JUNG, 2006, p. 144).

A depressão pode ser explicada na psicologia analítica pelo processo de regressão de energia, que consiste no desaparecimento da energia psíquica do consciente do indivíduo, pois esta agora se encontra no inconsciente. Nessa situação, a energia no inconsciente ativa complexos incompatíveis com os valores do Ego, causando uma luta interior que paralisa externamente o indivíduo (SAMUELS, 1988; STEIN, 1998). Dessa forma, a pessoa no processo de regressão, por ter sua energia no inconsciente, é forçada a lidar com seu conteúdo interno que

antes não tinha contato e, por causa disso, cria a possibilidade de desenvolvimento do próprio ser com o processo de progressão (funciona igual o processo de regressão mas direcionado ao consciente). No processo de progressão, a pessoa tem a possibilidade de readaptação sobre si mesma e, ao finalmente conseguir superar seu confronto com seu conteúdo interno, ela se torna mais capaz de lidar com o mundo externo (STEIN, 1998). Também na fala de Fierz (1997), a depressão tem uma função de regulação do humor, que entra em ação quando o ser vive o extremo de uma polaridade: alegria e tristeza (VARGAS, 2005), indicando o desequilíbrio do Ego.

De acordo com Fierz (1997), as tendências suicidas que acompanham a depressão estão relacionadas à busca da mudança pelo sujeito, na forma de morte e renascimento onde o indivíduo apenas enxerga a morte como o caminho possível. No livro *Transforming Depression*, de David Rosen (2009), o psicólogo aponta a depressão como um caminho para mudança ao relatar sua experiência com sobreviventes de tentativas de suicídio, que alcançaram a morte que buscavam durante a tentativa e agora superaram o desejo de morte com o de mudança e “renascimento”.

No texto de Luís Paulo Lopes sobre a depressão e o processo de individuação, publicado em 2017, ele aponta como a depressão é vista, por Jung, como “um momento de escuridão antes da nova luz”, e que o processo depressivo tem o potencial de culminar na amplificação da consciência da pessoa. Em outro momento, Jung também fala da depressão como uma patologia de cura difícil ou até impossível, sobre essa perspectiva ele ainda menciona um paciente depressivo, afirmando que o caso já não tinha cura e apenas restava continuar o tratamento até a morte (JUNG, 2011).

Em 2006, Byington propôs uma diferenciação da depressão normal e da patológica. No caso da depressão normal ele trata como algo natural e essencial para o psicológico do ser humano, como parte da estruturação do consciente, explicando como tem a função de “elaborar e integrar o sofrimento oriundo de símbolos feridos”, enquanto no caso da depressão patológica seria a consequência do fracasso da depressão normal em resgatar os conteúdos sombrios do inconsciente. Na visão finalista da depressão, existe a possibilidade da pessoa perceber o sentido da depressão e que sua vida não estava de acordo com seu *Self*, levando o Ego a usar a energia do inconsciente de forma criativa. Quando isso

ocorre, o ser consegue elaborar os conteúdos e se relacionar com o mundo externo graças a centralização do Ego-Self, gerando o crescimento psíquico do indivíduo (BYINGTON, 2006). Existe um contraponto à depressão criativa, que é a defensiva, onde a pessoa apresenta os sintomas do transtorno e paralisa no seu mundo externo, tendo fixações e prejuízos (VARGAS, 2005).

Mais adiante, o psicólogo junguiano James Hollis (2011) introduz uma nova perspectiva sobre a depressão, separando ela em três tipos: intrapsíquica (neurótica), endógena e ambiental. Começando pela depressão intrapsíquica, ela se assemelha com a patológica de Byington, explicando que ela é relacionada com a infância do indivíduo e a regressão dos conteúdos sombrios na vida adulta. A depressão endógena seria originada por fatores biológicos ou desconhecidos, de acordo com Hollis, ele explica que quem tem essa depressão sempre a carregou e vive com o humor deprimido e sem energia. Já a ambiental, ou também chamada de reativa, é o processo de luto consequente de uma perda ou outro fator, porém pode ser considerada como uma condição patológica caso afete de forma exagerada ou prolongada o funcionamento natural da pessoa depressiva. O autor também explica que o paciente pode apresentar mais de uma dessas depressões simultaneamente, portanto tendo mais fatores originando a condição da pessoa e criando a necessidade de mais de uma forma de tratamento.

O autor também fala da “depressão caminhante”, que ele classifica como uma depressão comum e quase sempre não diagnosticada. Nela se carrega uma alma pesada que impede o ser de sentir a leveza da jornada da vida e corrói a qualidade de vida, criando o sentimento de ser imprestável e incapaz de viver (HOLLIS, 2011, p. 95). Hollis expressa que para alguém evoluir psicologicamente e superar a depressão é necessário que ela seja capaz de discernir entre os eventos do passado e quem ela é no momento: “Eu não sou o que me aconteceu, sou o que escolhi ser” (HOLLIS, 2011, p.95). Também vale trazer o que Hollis diz sobre o desespero, que ele chama de “o corvo mais negro” (HOLLIS, 2011, p.104), definindo esse sentimento como a sensação de insignificância frente aos conflitos internos e externos, como se a única saída fosse o fim, ou seja a morte. Para explorar esse tema, o autor menciona James Hillman, em seu livro “Suicide and the Soul”, onde ele fala que no suicídio o desejo não é de morte, mas sim de uma mudança instantânea, mas apenas resulta na cessação do desespero.

James Hollis ainda adiciona que apesar da depressão aparentar ser um “poço sem fundo” ela na verdade “tem fundo” e por isso, propõe que o paciente depressivo precisa viver a depressão para poder superá-la, pois é exatamente pelos símbolos que surgem durante a depressão, que o paciente poderá encontrar sua forma de lidar com ela. Por isso a importância da terapia, além do tratamento médico, por que é pelo processo terapêutico que o indivíduo percebe e compreende esses símbolos. Dessa forma, diferente da psiquiatria, a psicologia analítica tem como objetivo que o paciente enfrente sua depressão e a domine, pois é a única forma de se libertar dela. Citando o psicólogo junguiano americano James Hollis, em seu livro *Pantanais da alma*, “Somente a descida ao Hades é capaz de nos libertar do Hades”.

Para compreender a metáfora usada por Hollis sobre a “descida ao Hades”, é importante destacar o que significa Hades na mitologia grega: “Hades é um deus antigo, ele é o soberano do submundo, seu reino também é conhecido como Hades. Hades e o submundo não são apenas símbolos de perda e da morte, mas também de riqueza.” (Johnson & Ruhl, 2010, p. 64 - 65). A ideia de Hollis é que ao descer na depressão (ou ao Hades) será possível encontrar o maior tesouro da alma (HOLLIS, 2011, p. 99). Dessa forma, a depressão extrai da alma seu potencial, sua energia vital e apenas confrontando ela que o indivíduo pode eliminá-la e progredir psicologicamente, finalmente compreendendo que não é os eventos passados mas quem ele escolheu ser. Nessa jornada da descida ao Hades, a pessoa mergulha no inconsciente e é bombardeada de símbolos e é forçada a sentir o que realmente está sentindo, confrontando as próprias ideias e, dessa maneira, se libertando do inferno que o indivíduo construiu em si mesmo.

Outro autor que usa o termo de Hades é James Hillman em sua obra “O sonho e o mundo das trevas” (2013). No livro ele coloca Hades como algo psicológico, “a casa de Hades é um reino psicológico agora” (HILLMAN, 2013, p.56), e teoriza que visita-se esse reino ao sonhar. Para Hillman, a casa de Hades é onde estão presentes os complexos da pessoa e, ao sonhar, ela confronta eles e o submundo de essências da vida do indivíduo, vendo imagens do ser presente, não do que pode tornar-se. Sobre os sonhos e a casa de Hades de Hillman, ele aponta que entrar em contato com os complexos presentes no mundo das Trevas, enquanto sonha, é entrar em contato com a própria morte e tudo aquilo que está presente do ser, mas não é visto. Para Hillman, o ponto final do processo de individualização é a própria morte, então ao sonhar, o ser se depara com diversas imagens e símbolos

sobre si mesmo até o momento presente. Dessa forma, se entrar sonhar é entrar em contato com seus complexos e a morte, que é o ponto final da individuação, então o sonho pode ser um mecanismo do ser humano para o desenvolvimento psicológico e avanço nesse processo de individuação, proporcionando para o indivíduo a auto reflexão e a imagem do que ele realmente é.

Hillman fala sobre depressão como o oposto do herói, colocando o ser depressivo como alguém inativo, dependente, ausente de exploração do mundo externo, sem morais e conquistas (HILLMAN, 2010, p.34). Para Hillman, a figura do herói se relaciona com o Ego, tornando o mito do herói no modelo do homem ideal e, como consequência disso, não alcançar esse modelo no mundo atual leva o ser à depressão. Dessa forma, o processo depressivo como resultado do não alcançar o modelo do homem ideal, pode levar também ao desespero do ser em se tornar o herói para sair da depressão. Portanto, o processo depressivo é além da jornada de tornar-se o herói, mas também de entrar em contato com os próprios conteúdos internos, possibilitando o crescimento da pessoa sobre quem ela é.

Hillman também fala sobre a *nigredo* alquímica, chamando também de preto, como a quebra de paradigmas e parte essencial para a desconstrução da identidade. Dessa forma, a transformação do Ego só é possível ao se passar por esse “preto”, permitindo que a pessoa forme novas estruturas da psique (HILLMAN, 2011A). Assemelha-se ao conceito proposto por Hollis sobre a depressão como um processo de transformação e possibilidade de desenvolvimento, desde que seja enfrentada as Trevas (Hades) do indivíduo. O uso da alquimia veio de Jung (2006) e a *nigredo*, também mencionada por Hillman, refere-se ao primeiro estágio da formação do *Lápis* (pedra) quando o alquimista deve descobrir o caminho para transformar o que tem na próxima etapa para alcançar a pedra desejada. Por isso, considerando a lógica do processo depressivo como um momento de escuridão mas também de descoberta e potencial de transformação, faz sentido comparar esse processo da alquimia com a depressão e o processo de individuação. Hillman (2011A) expressa que a passagem da etapa do *nigredo* é a transformação do pequeno ao grande, assim como no processo depressivo, e ambos necessitam do esforço do indivíduo e da vontade consciente deste. Jung (OC 14/2) iguala o estágio da *nigredo* ao confronto com a sombra e melancolia, apontando o maior risco da etapa como a não saída dele. Não conseguir avançar desse estágio, ou do processo depressivo, seria causado pela identificação com o preto (HILLMAN, 2011A), sendo o mesmo que ficar

no conforto do que se tornou familiar, confortando-se na melancolia e sofrimento da alma (JUNG, OC 14/2). Ainda sobre a psicologia alquímica, Cavalli (2005) menciona a depressão como o retorno às profundezas da psique e o confronto dos medos inconscientes. O autor explora a depressão como algo além de um conjunto de sintomas, mas também com um sentido mais profundo em relação ao ser, fazendo analogia à *melanosis* da alquimia e reforçando a ideia de potencial transformador.

Durante o processo depressivo, a memória é repleta de recordações sombrias e rememorar essas lembranças permite a transformação da pessoa em algo maior (CAVALLI, 2005, p. 133). Mesmo assim, essa transformação resultante do processo depressivo não depende apenas do rememorar tais lembranças, mas também de fato confrontá-las, isso quer dizer realmente olhar para as imagens do inconsciente e buscar compreendê-las. Esse processo de confronto da sombra, que encaminha a pessoa para mais próximo dela mesma e do desenvolvimento da própria consciência, precisa ser feito de forma consciente, pois precisa do papel ativo do Ego em sustentar o conflito e permitindo que cada indivíduo encare quem realmente é (LOPES, 2017, p. 61). Pode-se pensar então que esse conflito, com o passar do tempo, torna-se maçante ao depressivo e ele é levado a encontrar uma saída de sua condição. Dessa forma, o indivíduo é forçado a atravessar os conteúdos sombrios de seu inconsciente, enfrentando essas imagens de quem ele é e suas experiências. Para superar a fase alquímica da *nigredo*, ou seja o processo depressivo, Jung (OC 14/2) diz que a pessoa deve se enxergar por fora da perspectiva colocada pela depressão. O indivíduo precisa se desvincular de sua dor para observar a si mesmo e ao mundo de uma forma intocada pelo processo depressivo, assim o indivíduo compreender o que ele é na ausência do sofrimento que o aflige. Sobre essa ação, Hillman (2011A, p. 141) coloca que se trata da separação do que se compreende como identificação e como sofrimento. Então, se é possível fazer tal separação, pode-se entender quanto do indivíduo é o sofrimento e de onde vem essa dor, permitindo que a pessoa que passa por tal processo possa atravessar o sofrimento e os conteúdos sombrios de forma fiel a estes, mas possibilitando a ampliação de sua consciência sobre ele ser muito mais além dessas Trevas.

Jung (OC 14/2) expressa que a separação da identificação e do sofrimento é também o processo de libertar a alma do próprio corpo, de sua identificação com a matéria. Sendo a alma liberta do corpo, ela se encontra com o espírito e estabelece

a relação entre ego e inconsciente, permitindo o enfrentamento da sombra. Após o confronto com a sombra e aceitando as características até então rejeitadas de si mesmo, a alma (agora unida ao espírito) precisa retornar ao corpo para completar o processo de reanimação, que Jung expressa ser o que leva a realização do Self, dando à pessoa depressiva independência e segurança sobre ela mesma. Ao concluir todo esse processo a alma não cai novamente no estado depressivo anterior, pois agora o Ego tem a autonomia e atitude necessária para obstáculos futuros devido às dificuldades já enfrentadas. Levando em conta a alma, Hillman (2011B) diz que não basta apenas tratar a depressão e evitar o suicídio visando a vida biológica, mas também buscando uma vida com significado. Somente promover a vida, no sentido biológico, mas não tratar a depressão resulta no estado permanente de inércia, impedindo ao indivíduo qualquer impulso de ação e, portanto, qualquer busca de significado, propósito.

“Quando um jovem precisa passar de forma abrupta de um estado de dependência na casa dos pais para a independência, configura-se a transição precoce” (CAMPANILE, 2015, p. 26). Essa transição precoce pode ser consequência de diversos eventos, mas esse processo precário sempre acaba levando a piores condições sociais, dificuldade nos relacionamentos e outras condições marginalizadas, que fazem parte da formação da identidade do jovem, afetando o desenvolvimento dele como ser independente. O resultado dessa transição precoce é o jovem ou adulto marcado pela depressão, medo do mundo externo e a rejeição. Dessa forma, Campanile estabeleceu uma conexão da relação da pessoa com os pais e a saúde mental e desenvolvimento da psique, sendo assim, pode-se considerar que uma perda abrupta das relações parentais ainda quando criança resultam em efeitos devastadores à psique da pessoa, devido não apenas a precoce independência mas também da ausência do carinho parental e do sentimento de validação, que se tornaram insuficientes. Assim, é formada uma pessoa sem autonomia, que se sente rejeitada e passa por um processo depressivo prolongado. Questiona-se como será para essa pessoa confrontar sua sombra no processo, o tamanho da dificuldade de enfrentar as imagens e se idealiza novas figuras parentais. Para superar essa condição, da transição precoce, Bezerra Junior (2009) expõe a possibilidade de três estratégias, a primeira sendo a substituição dos laços duradouros por relações momentâneas, resultando numa instabilidade de valores, ideias e posicionamentos éticos do indivíduo. A segunda estratégia é o consumismo,

ou seja o consumo imparável de matéria para saciar o próprio desejo, confundindo o consumismo com a autonomia do ser. A última estratégia é a cultura somática, o uso do corpo como instrumento para satisfação imediata e a busca da validação através de outro indivíduo (CAMPANILE, 2015, p. 38).

Deve-se pensar também em como a figura paterna atinge uma pessoa, afetando sua autonomia e saúde mental. Sobre isso, Campanile (2015) expressa como a escassez dessa figura gera confusão e recriminação ao jovem, o que também leva ao afastamento ainda maior do pai. Samuels (1992) explora como se forma a imagem paterna numa pessoa a partir do comportamento e tratamento de seu pai, diferenciando o pai que apoia o filho do pai que recusa ele, o vê como um fracasso ou simplesmente não exerce a figura paterna como deveria. O autor também fala sobre um novo modelo de pai que pode ser visto, sendo ele “modelo, energético, condutor, que auxilia na imaginação, na criatividade e na saúde psíquica em geral” (SAMUELS, 1992, p. 90). Levando em conta as reflexões de Samuels sobre o assunto, Campanile (2015) aponta em como é fundamental entender a relação entre a figura paterna e o comportamento do filho. Por isso, deve-se pensar numa situação oposta, sobre as consequências na psique de alguém que sofreu o abandono do pai, não teve um guia ou auxílio sobre a imaginação ou qualquer comportamento social, além do abandono em si. Nesse caso poderia ser observado a busca da validação como ser suficiente a partir dos outros, inclusive da própria figura paterna (que não precisa ser necessariamente o pai), assim a pessoa é incapaz de construir sua autonomia e fica preso no estado depressivo e de rejeição sobre ela mesma e o mundo exterior (CAMPANILE, 2015, p. 26).

Robert Stein (1978) também explora o que ele chama de Alienação Parental, um processo onde a criança substitui a Mãe e o Pai arquetípicos pelos pais reais, e que é essencial para o desenvolvimento da psique de tal criança, também considerando como as experiências com os pais são parte fundamental do desenvolvimento da personalidade. No fracasso desse processo de transição da imagem dos pais, a figura desses pode se tornar o oposto da imagem arquetípica materna e paterna, surgindo como monstros ou causadores do mal. É dessa forma que a criança acaba sofrendo com a Alienação Parental, pois ela passa a se sentir traída e rejeitada pelos pais por nunca ter tido uma relação mais humana e pessoal (STEIN, 1978, p. 98).

Observa-se também a obra de Andrew Samuels “The Plural Psyche - Personality, Morality & The Father” (2005), onde ele explora a depressão na sociedade atual e relaciona o processo depressivo com a supressão da agressividade da pessoa. O autor expressa a depressão como uma forma de suprimir a agressividade da psique do indivíduo, essa agressão imaginária é direcionada à destruição do objeto ou pessoa provedora do suporte emocional. Essa agressão é suprimida pela depressão, que em contrapartida é usada como um meio de garantir, ou tentar conseguir, o amor e carinho dos pais e a validação necessária como ser. Isso pode ser entendido da seguinte forma: o jovem tem em sua psique uma fantasia de agressão contra seu pai, essa é camuflada ou suprimida através da depressão, que torna o jovem inerte, incapaz de agir sobre essa agressividade mas o coloca numa posição de necessidade da aprovação e do amor paterno, numa tentativa de suprir sua fantasia direcionada ao pai. Ter um objeto para essa agressão deveria facilitar a expressão emocional da pessoa, mas o oposto ocorre no depressivo, que entra em estado de paralisia emocional e julgamento de si mesmo sobre sua condição, sendo que essa culpa moral é produto de sua própria psique (SAMUELS, 2005, p. 155). Essa condição criada pela depressão, pelo entendimento de Samuels, coloca o depressivo em um ciclo de autoculpabilização, bloqueando o indivíduo de prosseguir no processo depressivo e enfrentar sua sombra. Com a pessoa se culpando por sua condição, ela é incapaz de enxergar-se além de seu sofrimento, entendendo como se ela fosse apenas as Trevas que a assombram, como consequência acaba-se caindo no que Campanile (2015) diz sobre a busca da validação pelo outro, tentando ser visto como além da depressão através de outra pessoa.

Pode-se pensar na presença da depressão no período da juventude, por volta dos 12 até os 18 anos, e como os indivíduos neste grupo sofrem com o processo depressivo. A adolescência é a fase da vida onde ocorre a formação da identidade, o aumento de vínculos, a sexualidade e sentimentos, assim como a perda do corpo infantil, dos pais arquetípicos e da identidade que tinha como criança (CHIORATTO, 2021). Por isso, os indivíduos nesse grupo acabam se tornando vulneráveis ao enfrentarem o mundo adulto ao mesmo tempo que abandonam o mundo infantil, formando uma alienação da realidade, junto ao pessimismo do real e uma visão limitada ao próprio ser. Sendo assim, o jovem precisa de suporte emocional ao longo dessa fase transitória, principalmente se ele já sofre dos

sentimentos de rejeição e abandono pelo relacionamento com os pais, pode acabar tendo enorme dificuldade na formação de vínculos e da identidade, causando o isolamento e bloqueando ainda mais a estruturação dos sentimentos e da sexualidade. É seguindo essa linha de pensamento, que retorna-se ao conceito da psicologia analítica do processo depressivo como um potencial de evolução da psique e de aproximação do indivíduo com o *Self*.

Retornando aos elementos químicos usados por Jung na analogia com a psique humana: o nigredo é o que representa o estado depressivo, mas que apresenta um potencial transformador do ser. Essa fase alquímica é seguida do albedo, uma etapa de renovação (ou renascimento) e alívio da dor da fase anterior. Por fim a última etapa, o Rubedo, nela o sujeito superou o desejo da morte e trocou pela busca a vida e novas vivências, considerando a possibilidade de felicidade e realização (CHIORATTO, 2021). Dessa forma, a psicologia analítica compreende a depressão como um processo direcionado ao interno do ser, sendo uma função vital do ser humano para que ele enfrente e reconheça conteúdos internos até então desconhecidos ou rejeitados. Como é observado através da descrição da depressão entre os psicólogos citados, esses conteúdos podem desagradáveis e, geralmente, comparados com a escuridão ou o inferno, mas o contato com eles gera ao deprimido a possibilidade de transformação e crescimento interno e externo, aproximando ele de uma forma mais completa de quem ele pode ser. A depressão é caracterizada como o direcionamento da energia ao inconsciente, causando a paralisação da consciência, mas é mergulhando nesse inconsciente e enfrentando o processo depressivo que é possível retomar essa energia ao consciente e ampliar sua existência para além do sofrimento, com isso retoma-se o que diz James Hollis: “Ela permanece no subterrâneo, e, como Orfeu, que vai até para confrontar, talvez encantar os poderes inferiores, nós também somos obrigados a descer na depressão e encontrar o maior tesouro da nossa alma”. (HOLLIS, 1998, p. 99)

6. Neon Genesis Evangelion

Foi em 1963 que nasceu o tema de Mechas em animes e mangás, com o lançamento de Tetsujin 28-go, baseado no mangá de Mitsuteru Yokoyama. Em 1995 foi estreado pela TV Tokyo o anime Neon Genesis Evangelion, escrito por Hideaki Anno, produzido pelo estúdio Gainax e animado pelo estúdio Tatsunoko. A obra foi aclamada pela crítica (100% pelos críticos e 88% pelo público no Rotten Tomatoes) ao mesmo tempo que gerou controvérsias sobre seus últimos dois episódios, o que levou a produção e lançamento do filme End Of Evangelion (1997). Quando a série animada chegou ao seu fim, parte do público do anime estava insatisfeito com o desfecho e criticaram fortemente os episódios finais, chegando ao extremo do autor receber ameaças de morte, o que levou Hideaki Anno a escrever um fim com desfecho mais concreto e claro ao público, diferente do fim mais abstrato e figurativo que havia pensado originalmente.

A trama do anime se passa quinze anos após o “Segundo Impacto” (evento apocalíptico), seguindo a vida de Shinji Ikari na cidade Tokyo-3, acompanhando sua vida na escola e como piloto do mecha EVA-01, sendo um dos protetores do mundo contra os “Anjos”(monstros gigantes que atacam a humanidade violentamente e com objetivos desconhecidos), que tentam causar novos eventos cataclísmicos. Ao decorrer da obra são vistas diversas imagens arquetípicas originadas da cosmologia xintoísta, assim como das tradições judaicas e cristãs. O nome do anime, Neon Genesis Evangelion (ou Shin Seiki Evangerion, em japonês), consiste do vocabulário grego, com *Neon Genesis*, que vem do composto japonês *Shin Seiki* significando “nova genese” e *Evangelion* significando “boa mensagem”, “boa notícia” ou “evangelho”. De acordo com Patrick Dazen, em seu livro “Anime Explosion!: The What? Why? and Wow! of Japanese”, o título pode ser lido como “Mensageiro do Novo Começo”.

A história do anime acompanha a vida de Shinji Ikari, um garoto de catorze anos, solitário e introvertido, que é forçado a se tornar um dos protetores da humanidade, ao mesmo tempo que frequenta a escola e aprende a conviver com seus colegas de classe. Com seu cargo de protetor e piloto, ele deve obedecer ao seu pai (Gendo Ikari), que o abandonou aos seus quatro anos de idade, logo após a morte de sua mãe. A partir disso, é observado o aumento da ameaça dos “Anjos” contra o ser humano, em conjunto ao desenvolvimento do protagonista e de seus

relacionamentos com os demais personagens. É mostrado ao espectador diversas lutas do protagonista contra seus inimigos e, também, contra seus próprios conflitos internos, que são trazidos à tona pelas lutas e outros eventos com os personagens em sua volta.

Shinji, logo no segundo episódio, passa a morar com Misato Katsuragi, sua capitã e então responsável, que se torna também sua figura materna e fonte de segurança e carinho. Mais tarde na obra, esses dois personagens passam a dividir o apartamento com Asuka Langley, outra piloto (assim como Shinji), que acaba causando um distúrbio na paz de Shinji e se torna também, uma forte figura feminina em sua vida. Essas relações de Shinji, incluindo a com seu pai, são constantemente afetadas pelos eventos catastróficos que ocorrem no mundo, principalmente os ataques dos chamados “Anjos”. Esses relacionamentos se desenvolvem e os personagens entram em conflitos entre si, com todos lidando com suas questões psicodinâmicas de formas diferentes e sofrendo com o estresse das situações que são colocados.

Perto do final da obra, cada personagem se encontra sozinho, isolado do mundo externo por não suportarem tudo que ocorre e ocorreu a eles. É com o fechamento do anime, que o protagonista tem a capacidade de combater suas questões psicodinâmicas, diferenciar quem ele é dos eventos traumáticos que passou e alcançar seu objetivo (impedir os “Anjos” de destruírem o mundo), além de superar seu processo depressivo. No contexto do anime, essa possibilidade do personagem mergulhar completamente em seu inconsciente é resultado dos planos de seu pai, Gendo Ikari, que planejou usar sua tecnologia como um meio de fortalecer Shinji, mergulhando ele por completo em seu próprio inconsciente. Esse mergulho, também chamado no anime de “instrumentalização humana”, ocorre ao longo dos dois últimos episódios da obra, apresentando o protagonista confrontando todos seus conteúdos sombrios incessantemente.

6.1 Shinji Ikari

Shinji Ikari é o protagonista do anime Neon Genesis Evangelion e tem 14 anos no período da história contada. Aos quatro anos ele perdeu sua mãe (Yui), que foi absorvida pelo EVA-01 (mecha usado por ele na obra), e é abandonado pelo pai (Gendo), que o deixou sob os cuidados dos tios, desde então adotou um modo de vida solitário sempre se isolando do mundo a sua volta, possivelmente como consequência da perda da mãe e abandono do pai. Com catorze anos ele é chamado pelo seu pai para que vá até a NERV (empresa dirigida por Gendo), com isso Shinji anseia por finalmente ver seu pai novamente e suprir seus sentimentos de saudades, mas ao encontrá-lo é recebido de forma fria e que as intenções de Gendo não eram as mesmas dele, já que o pai apenas queria que ele assumisse o cargo de piloto do EVA-01, uma das últimas armas da humanidade contra os Anjos.

A partir disso, Shinji aceita sua posição como piloto e depositam nele o peso de defensor da humanidade, sempre reiterando que ele não pode fracassar e o colocando em situações de estresse extremo, tanto nos treinos que tinha quanto nas lutas reais que enfrentou, o que foi causando um impacto cada vez maior em seu psicológico. Além disso, acaba indo morar junto com Misato Katsuragi, capitã dele no campo de batalha, que se torna uma figura materna na vida dele. O protagonista também é colocado numa escola, junto com outra garota que trabalha com ele chamada Rei, e nota-se como ele evita conversas ou qualquer outro contato com outras pessoas, o que gradualmente muda, pelo menos um pouco, quando acaba fazendo dois amigos, Kensuke e Toji. Mais tarde é introduzida Asuka, que além de pilotar outro mecha como Shinji, vira sua companheira de quarto, e tendo uma relação complicada entre os dois com ela sendo constantemente agressiva com ele. Dessa forma, com exceção dos dois amigos que fez na escola, seu círculo social e em casa é essencialmente composto de mulheres, tendo ainda a ausência da figura paterna.

7. A relação do personagem e seu pai

É importante observar a relação de Shinji com seu pai, Gendo Ikari, pois esse relacionamento tem um peso enorme no psicológico do personagem e na trama do anime. Relembrando que Shinji foi abandonado pelo seu pai quando tinha apenas quatro anos, mesmo tendo os tios ele sentia a falta da figura paterna e se culpava pela ausência dele. Então, quando finalmente reencontra o pai, descobre que apenas foi chamado para servir como uma ferramenta a ele e, mesmo assim, faz de tudo para impressioná-lo em seu novo papel e receber o mínimo de aprovação do mesmo, o que se torna explícito quando Shinji, durante um combate contra um dos “Anjos”, grita: “Por que estou pilotando se meu pai nem está aqui para ver!”. Com o passar do tempo ele começa a desistir, se sentindo extremamente exausto física e psicologicamente, até que no episódio 12, Gendo fala diretamente com ele, algo que nunca ocorria, e o parabeniza, fazendo com que ele chegue à conclusão: “Estou pilotando o EVA para receber elogios dele (pai)”.

A vida de Shinji é baseada na aprovação de seu pai, ele quer receber seu reconhecimento e se sentir válido, mas esta relação com seu pai acaba tendo uma drástica mudança quando, no episódio 18, Gendo toma controle de Shinji e seu mecha para lutar e quase matar um de seus amigos. Isso faz com que o garoto abandone suas responsabilidades e que nunca mais quer ver seu pai. Ele apenas volta a lutar após ver os outros com quem se importa sofrendo, e finalmente alcança sua sincronização perfeita com seu mecha, ao superar a dependência que tinha sobre seu pai. Dessa forma, durante todo o período de sua vida antes de abandonar essa necessidade, Shinji fazia de seu propósito os elogios do pai e suas ações eram sempre feitas com tal objetivo, ele vivia pelo seu pai e se alienava do mundo em sua volta, evitando ao máximo formar novas relações pelo medo de que seria novamente abandonado como havia sido pelos parentes.

7.1 O processo depressivo do personagem

Levando em consideração as relações de Shinji com os outros, o ambiente que vive e como ele reage nesse ambiente, pode-se considerar que o personagem passa por um processo depressivo. Para chegar a essa conclusão, observa-se o comportamento do protagonista ao longo da série e como eles mostram seu constante humor deprimido, seu cansaço físico e psicológico, sua auto depreciação (American Psychiatric Association, [APA], 2002, p. 345). Primeiramente leva-se em conta sua relação com seu pai, que o abandonou aos quatro anos de idade e desde então se culpa por isso e transforma sua única fonte de satisfação os elogios e reconhecimento de seu pai, que o trata de forma fria e evita ser uma figura paterna para Shinji. Por causa desse abandono e sua culpabilização do ocorrido, ele passa a se sentir culpado por tudo de ruim que acontece e cria a resposta de desculpa como reflexo a tudo direcionado a ele, o que é destacado e dito para ele por Asuka no episódio 15, quando ela briga com ele por sempre se culpar e nunca se defender.

Outro fator importante no processo do personagem é seu isolamento, consequente do medo de ser abandonado e se machucar igual ocorreu com seu pai, ao mesmo tempo que constantemente tem pensamentos invasivos fazendo ele se achar “canalha, covarde e fracote” (episódio 4). Com a ajuda de Misato, ele cria algumas amizades e passa a sentir-se mais confortável, mas no momento que chega a um limite de estresse ele foge de casa, enquanto continua se xingando e depreciando. Sua solidão é interrompida com a chegada de Asuka, que está constantemente perto dele e muitas vezes brigando e competindo com ele sobre algo, o que aflige Shinji diversas vezes pois não sabe por que ela sente raiva dele. Seu conforto na solidão também é notado ao comparar duas cenas, a primeira sendo no episódio 3 quando Misato o leva para ver a cidade a partir de uma bela vista, e ele diz ser “uma cidade deprimente”, com tantas luzes e prédios, mas ao estar deitado olhando o céu (episódio 10), aponta que o céu é lindo quando não se percebe a cidade e as outras pessoas (o que é contradito por Asuka, que diz se sentir desesperada com esse sentimento).

Mais tarde no anime, ele continua recebendo os elogios do pai e de outros ao seu redor, mas chega à conclusão que apenas é elogiado por pilotar o EVA e, por isso, se força a continuar com esta tarefa mesmo que ele não aguenta mais. Ao mesmo tempo, seu pai o força a quase matar seu amigo, o que resulta no Shinji

passar a odiar seu pai e não querer mais seus elogios mas também não tem mais coragem de olhar ou falar com seus amigos. Ao chegar no episódio vinte, todos os eventos que ocorreram, junto ao sentimento de que ninguém o trata bem fora do EVA, o leva a um nível de estresse enorme que resulta nele sendo absorvido pelo seu mecha, quando isso ocorre todos estão desesperadamente tentando salvá-lo, principalmente Misato. Enquanto absorvido ele enfrenta seus próprios pensamentos e mostra-se desesperado implorando que as pessoas o tratem bem, “Alguém seja gentil comigo... Eu lutei muito, estou lutando com tudo que tenho! Me tratem bem!”, nesse momento ele vê Misato, Asuka e Rei, que continuamente perguntam o que ele realmente quer. Shinji deixa claro que não aguenta mais e que não quer ser salvo, mas quando Misato chora e grita seu nome e abraça sua roupa, ele sente sua mãe e ouvi ela falando de seu desejo dele ser feliz, o que finalmente faz ele voltar a vida ao lado de Misato.

Chegando ao fim de sua jornada, Shinji não se interessa mais por seu pai, perdeu seus amigos, não consegue encarar a Rei, não sabe onde está a Asuka e agora a Misato se isola dele por outros motivos. Quando ele se sente mais sozinho que sempre esteve, conhece Kaworu, o último Anjo, que se aproxima de Shinji e rapidamente cria um laço forte com ele, sendo extremamente carinhoso e íntimo, até que abruptamente Shinji é forçado a matá-lo, o que faz com que ele se torture ainda mais sobre ser desprezível e covarde, ainda expressando “Ele era melhor que eu” (episódio 24), mesmo sabendo que Kaworu era uma ameaça a todos.

7.2 O processo depressivo e suas questões psicodinâmicas.

Tendo em consideração os textos e obras sobre depressão e a história do protagonista (Shinji Ikari), assim como suas relações interpessoais, principalmente com seu pai, sua responsável (Misato) e sua colega de quarto (Asuka), é possível relacionar a perspectiva que a psicologia analítica tem sobre a depressão e o encontro com a própria sombra com a jornada do personagem principal.

Levando em conta a depressão pela psicologia analítica e também as questões psicodinâmicas do transtorno, percebe-se logo nos primeiros episódios o processo depressivo do personagem, que apresenta apatia com o mundo externo ao dele, indisposição de fazer qualquer coisa, sua tendência ao isolamento dos outros, sua autoculpabilização e sua submissão às decisões do pai. Sua apatia é vista logo nos dois primeiros episódios, quando o protagonista anda pela cidade, indiferente à destruição que ela sofre e o perigo que isso representa à sua vida. Sua indisposição em agir e submissão ao pai são temas recorrentes na vida de Shinji, nos primeiros episódios eles surgem como parte essencial da trama, já que o protagonista se recusava a pilotar o EVA (robô gigante usado para defender a humanidade) e muda de opinião após o apelo de seu pai: "Apenas você pode pilotá-lo", fazendo que, mesmo tremendo de medo e inseguro do que fazer, entra no robô e o pilota completamente estressado, mais tarde tornando suas ações como piloto totalmente dedicadas à aprovação de seu pai.

Outra questão mencionada no parágrafo anterior foi o isolamento de Shinji ao mundo exterior a ele, são vistas diversas cenas dos episódios onde ele se encontra sozinho, e se acompanhado, não fala quase nada. Todavia, seu isolamento é mostrado na discussão entre a personagem Misato Katsuragi (futura responsável do protagonista) com seu pai, quando ela insiste que o garoto more com ela para que não fique sozinho e possa socializar, neste momento o protagonista não concorda com a ideia explicando que prefere estar sozinho e não conviver com outras pessoas, mas a aceita mesmo assim a proposta. Essa aceitação de algo que não concorda é algo típico do personagem, ele não se vê numa posição de discussão onde pode lutar pelo que quer e entende que sua vida está em função dos outros, principalmente de seu pai.

A jornada do protagonista é marcada por sua submissão ao dever dado a ele pelo seu pai, em conjunto com sua necessidade de aprovação do mesmo para sentir-

se além de sua depressão. Shinji também lida com o medo da rejeição, temendo conhecer novas pessoas que o achem um fracasso ou insuficiente, fazendo com que ele se feche ao mundo externo. Esses comportamentos podem também ser pensados pela perspectiva de Campanile (2015), sobre a relação do jovem e sua dependência dos pais, já que essa relação é de grande importância no seriado. É um fator importante no desenvolvimento do personagem sua relação com seu pai, mas também é necessário trazer à tona que sua mãe morreu quando ele tinha apenas quatro anos e logo foi abandonado pelo pai, que o deixou sob os cuidados de seu tio. Esse abandono após a morte da mãe cultivou no personagem uma forte sensação de culpa sobre todo o ocorrido, assim como o ódio ao seu pai, que passou a ignorar sua existência por completo.

O processo depressivo de Shinji Ikari também pode ser visto através da psicologia alquímica (JUNG, 2006; HILLMAN, 2011A). Ao longo de todo anime, antes dos episódios 25 e 26, o personagem se encontra no que ambos autores chamam de *nigredo alquímica*, que é o primeiro estágio da formação do *Lápis*. Esse é o estágio de “escuridão” da psique para que se possa formar novas estruturas nela, é quando o ser deve descobrir como transformar o que tem, no que deseja (JUNG, 2006), assemelhando-se a fala de James Hollis (2011) sobre a depressão como um processo de transformação e desenvolvimento, caso enfrente a sombra do indivíduo. No anime, é representado de diversas maneiras esse processo depressivo e as questões psicodinâmicas que o cercam, acumulando até o momento de seu enfrentamento com suas próprias *trevas*, em sua *descida ao Hades* (HOLLIS, 2011).

Levando em conta as diversas questões psicodinâmicas que se encontram no personagem analisado, é possível entender seu processo depressivo através dessas questões e como elas surgem ao longo de sua jornada no anime.

7.3 A culpa e o relacionamento com o pai.

A relação do protagonista com seu pai é um dos focos da história, e também fator importante no processo depressivo do personagem. Seu pai o abandonou com quatro anos e só voltou ao encontro de seu filho, já com 14 anos, com a intenção de usá-lo como uma ferramenta. Ao longo de todo o anime, Gendo Ikari (pai do protagonista) usa o filho como uma arma, enquanto este obedece o pai e cumpre seus desejos, sempre em busca da validação que nunca teve na infância. Logo no primeiro episódio, Shinji pergunta a seu pai por que o chamou, depois de dez anos sem se verem, e a resposta foi “Por que eu preciso...”. No contexto, a resposta se referia a necessidade do pai de ter um piloto para o Mecha, alguém para ser usado como uma ferramenta, e foi com essa resposta, seguida da visão de Shinji da Rei Ayanami (sua colega) ferida e incapaz de se levantar, que o protagonista assume o papel que o pai deseja.

Ao mesmo tempo que obedece seu pai, Shinji Ikari expressa seu desgosto e ódio direcionado ao mesmo, resultado do abandono na infância num momento delicado. Shinji culpa seu pai pela morte da mãe, mas também sente-se culpado por ser abandonado por ele, pois sentiu como se não fosse suficiente para seu pai ficar, o que evoluiu ao decorrer de sua vida num distanciamento das relações interpessoais, devido a sua auto recriminação e confusão sobre si próprio (CAMPANILE, 2015).

Andrew Samuels (2005), explora a depressão e coloca ela como uma forma de supressão da agressividade da pessoa, da psique do indivíduo, então o autor expressa que essa agressividade da psique é direcionado ao suporte emocional da pessoa. Samuels expressa que a depressão suprime essa agressividade direcionada, e se torna um meio de tentar garantir o amor e validação como ser do suporte emocional. Samuels ainda explica que essa agressão leva o ser a uma paralisia emocional e um ciclo de autoculpabilização, o que impede a pessoa de progredir no processo depressivo e enfrentar sua sombra, e Campanile (2015) complementa esse raciocínio, dizendo que a consequência disso é a busca da validação como ser por outro pessoa, na tentativa de se enxergar além da depressão pelo olhar de outro.

No anime em questão, essa visão de Samuels (2005) sobre a depressão é clara, o protagonista Shinji Ikari demonstra seu ódio contra seu pai, culpando-o pela

morte de sua mãe, por não cuidar dele quando criança e abandoná-lo, mas ao invés de expressar seu ódio e agressividade, ele se submete aos desejos de pai e o obedece, sempre em busca de ser validado por ele através de breves elogios. Ele passa sua história toda lutando apenas para receber tais elogios, até admite em certo momento que faz tudo apenas pela aprovação de seu pai e que ele mesmo se enxerga como um covarde e perdedor. Shinji se mantém nesse ciclo de autoculpabilização por quase toda sua história, se tornando incapaz de progredir no processo depressivo e ficando cada vez mais estressado. Esse estado de culpabilização de si e submissão ao seu pai muda drasticamente, devido aos eventos que ocorrem nos episódios 18 e 19 do anime, quando outro piloto e seu mecha são possuídos pelo inimigo e o protagonista é enviado para neutralizá-los. Nessa cena, Shinji se dá conta que está lutando contra outro ser humano e decide parar de enfrentá-lo, mas seu pai toma controle de seus movimentos e faz com que brutalmente destrua seu oponente e cause danos gravíssimos ao outro ser humano, que então descobre ser seu amigo da escola. Nesse momento, o personagem não aguenta mais o estresse e a pressão causados nele pelo pai, e expressa toda sua agressividade e raiva contra ele, finalmente abandonando a busca da validação e carinho de seu pai e transferindo a sua culpa para ele.

Campanile (2015) elabora que uma transição tão abrupta, como a de Shinji aos quatro anos, da relação com os pais, somado a falta de carinho parental e sentimento de validação, acaba resultando em um jovem depressivo, com medo do mundo externo e da rejeição, e ainda sem autonomia (nota-se que o personagem analisado não luta por suas decisões ou princípios, apenas aceita o que lhe é dito). Campanile aponta o papel fundamental da figura paterna no comportamento do filho, expressando como um jovem ausente de figura paterna acaba tendo graves consequências em sua psique por ter tido um guia sobre seu comportamento social e sua imaginação. A autora ainda diz que um jovem nessa situação pode ficar preso num estado depressivo, onde rejeita a si mesmo, buscando validação externa (CAMPANILE, 2015, p. 26) e, no caso do personagem aqui analisado, do próprio pai (figura paterna, no caso).

Shinji representa as falas de Campanile (2015), ele é um jovem estagnado no processo depressivo que constantemente rejeita a si e busca a validação de si, além da depressão, através de seu pai ou até de Misato (que se torna uma figura materna a ele). Esse estado de estagnação dele apresenta progresso nos episódios 18 e 19,

nas cenas já detalhadas, mas é destacada nos episódios finais da obra (25 e 26), quando o protagonista confronta sua sombra e, entre todos seus elementos sombrios, admite querer o amor do pai, mesmo odiando ele. Também, admite se odiar, se achando um covarde e perdedor, sendo o culpado dos outros se machucarem, mas que quer ser feliz e se aceitar. Esse momento de Shinji representa o seu progresso para superar a depressão, tornando-se capaz de discernir entre seu passado e quem ele é agora, além do processo depressivo, o que traz a tona a frase “Eu não sou o que me aconteceu, sou o que escolhi ser” (HOLLIS, 2011, p.95).

Dessa forma, percebe-se a importância que seu relacionamento com seu pai tem sobre sua psique e como, a partir daí, afeta diversas de suas questões psicodinâmicas, prejudicando o modo como Shinji se relaciona consigo mesmo e os outros.

7.4 A apatia de Shinji Ikari e seus relacionamentos interpessoais.

Uma das consequências da ausência de seu pai surge em sua apatia ao mundo externo e seu desinteresse nos relacionamentos interpessoais, resultados do medo do mundo externo e de novas rejeições (após ser rejeitado como filho de seu pai, aos quatro anos), além de não saber como se comportar socialmente (CAMPANILE, 2015). Seu comportamento anti social e apático são mostrados desde o início da obra, mas entram em conflito com os esforços de Misato (responsável de Shinji, e sua futura figura materna) para ele se abrir com outros e formar novos laços.

O primeiro esforço de Misato foi propor que Shinji morasse com ela, ao invés de sozinho, como foi planejado. O protagonista era contra a ideia e insistiu em preferir ficar isolado, já que não se dava bem com outras pessoas, mas seu pai concordou com a ideia de Misato e, então, Shinji passou a morar com ela. No começo de sua convivência com sua nova colega, ela o leva para lugar onde eles podiam admirar a cidade toda e ela o fala como as construções e as luzes da cidade são lindas, mas ele expressa enxergar aquilo como algo turbulento e incômodo, mesmo estranho. Em todo momento ele se mostra desanimado e até desapontado com o jeito que Misato vive, mas aos poucos vai se acostumando a ela e formando uma relação de carinho, onde ambos se importam com a segurança um do outro.

Além disso, Shinji também passa a frequentar uma escola, onde não faz amigos e continua sozinho, o que é apontado por Misato enquanto reclama com sua amiga sobre a resistência do garoto em se expressar e interagir com qualquer pessoa. Em certo momento essa situação muda, após dois garotos da escola presenciarem o sofrimento de Shinji durante uma de suas lutas, decidem fazê-lo companhia e virarem seus amigos. Apesar de Shinji não fazer questão de ir atrás deles, eles ficam ao seu lado e o apoiam em sua jornada, o que aos poucos faz tornar-se perceptível que o protagonista se torna mais sociável e confiante sobre si mesmo. Porém esse suporte dado pelos amigos e esse conforto que ganha sobre si, entra em conflito com seu estresse e cansaço resultantes de seu trabalho como piloto.

Pode-se entender o processo depressivo de Shinji como uma “depressão caminhante”, onde ele carrega uma alma pesada, corroendo sua qualidade de vida e criando o sentimento de ser imprestável, impossibilitando que possa aproveitar a jornada da vida (HOLLIS, 2011, p. 95). É assim que o protagonista se apresenta na

maior parte dos tempos, com pequenos episódios de alegria e leveza, que são sempre interrompidos de forma abrupta, formando ainda mais o sentimento de que ele não merece ser feliz ou ser ele mesmo. Isso pode ser exemplificado quando Shinji foge de trem, tanto da cidade quanto de suas responsabilidades, e depois decide retornar a pé. No meio do caminho ele encontra um de seus amigos da escola, Kensuke, que o convida para brincar e então eles passam a se divertir no campo, até que logo em seguida surgem funcionários de seu pai, que o repreendem e o levam de volta ao seu trabalho.

Durante o anime, é observado a vida de Shinji antes que ele enfrente sua sombra e lide com seus conteúdos internos (que ocorre nos episódios finais), e por isso ele ainda não passou pelo seu processo de progressão, que permitiria se readaptar a vida e lidar com o mundo externo de forma mais agradável (STEIN, 1998). Dessa forma, ele também é visto como um protagonista que se opõe ao sentido de herói na psicologia analítica, sendo ele dependente das decisões dos outros, inativo sobre seus sentimentos e desinteressado em explorar o mundo externo (HILLMAN, 2010, p.34). Shinji é um jovem depressivo, encarregado de ser o homem ideal e herói de todos, mas sofre constantemente por sentir não ser suficiente para tal papel e acaba entrando em um estado de desespero para se tornar o herói como uma forma de escapar de sua depressão.

No contexto da obra, o processo depressivo do personagem representa também sua jornada em virar o herói, sendo possível observar a progressão de como interage com o mundo externo e se torna mais autônomo. Aos poucos, sua apatia com o externo se torna laços afetivos com demais personagens na medida que supera a necessidade de validação de seu pai, e ao final do anime, quando confronta seus conteúdos sombrios, declara sua autonomia como ser, expressa sua vontade de gostar de si mesmo e que está tudo bem ser quem ele é, ao mesmo tempo aceitando os outros ao seu redor. A apatia de Shinji pelo mundo externo e também por ele mesmo se origina de sua depressão, limitando sua perspectiva de tudo no contexto do processo depressivo, é apenas no episódio 25, enquanto lida com sua sombra, que chega a conclusão de que o mundo e os outros não odeiam ele, mas ele quer acreditar que sim por que ele odeia a si mesmo. Para superar essa questão psicodinâmica de seu processo depressivo, o ser precisa se desvincular da dor e observar o mundo externo e ele mesmo além da depressão, para que assim ele entenda quem ele é sem o sofrimento (Jung OC 14/2). Essa separação do ser e do

sofrimento é vista durante o episódio 25, enquanto Shinji se questiona sobre sua existência, quem e o que ele realmente é, por que ele se odeia e por que tem tal relação com o mundo externo. Dessa forma, ele entende que sua apatia e isolamento do mundo externo são resultados de seu ódio/agressividade contra si mesmo, e que parte da vida é aprender a se aceitar.

Sua relação com o mundo externo durante o processo depressivo pode ser observada durante o episódio 20, quando ele abandona seu corpo físico e funde sua “alma” com o mecha que pilota. Shinji passa semanas existindo apenas em sua consciência, enquanto os outros personagens fazem tudo que podem para trazê-lo de volta, temendo pela sua vida. O detalhe desse conflito é que, diferente dos outros personagens, Shinji não quer ser salvo, ele se recusa voltar ao mundo físico e seus sofrimentos, enquanto ali confronta diversos conteúdos internos que geralmente ignorava, mas preferia esse conflito com a própria sombra do que voltar à sua vida. Ao longo dessa experiência que começa a entender mais sobre suas ações, como sua necessidade de carinho e afeto e, então, tem vagas memórias de sua mãe, que logo se misturam com a imagem de Misato, a única personagem feminina do anime que acolhe e cuida de Shinji. A cena termina com ele voltando ao seu corpo físico após ouvir os gritos e o choro de Misato, que confundiu com sua mãe. Apesar da apatia de Shinji com o mundo e seu desinteresse pela vida, ele retorna em busca do carinho que Misato oferecia a ele, fruto da imagem materna que ele atribuiu a ela.

Levando em conta o episódio descrito e a “morte física” de Shinji, da qual ele não queria abandonar, pode-se pensar na relação que o personagem tem com sua vida e a morte. A depressão é um processo de renovação do ser, mas alguns depressivos entendem a morte como a resposta dessa renovação (FIERZ, 1997). Também considerando as conclusões de David Rosen (2009), sobre pacientes que sobreviveram suas tentativas de suicídios em busca desse renascimento e acabaram por encontrá-lo ao fracassarem no ato. O evento pelo qual Shinji sofre, morrendo fisicamente e existindo apenas como consciência, mas aceita sua suposta morte aliviado e apenas renasce ao lidar com certos conteúdos internos e entender melhor a si e seus desejos, acaba se configurando como a morte como meio para o renascimento, sendo o momento que percebe a importância de suas relações. Mesmo assim, esse “renascimento” pela parte do personagem ainda não significa sua superação da depressão, neste momento ele entrou em contato com seus

conteúdos sombrios, mas não o suficiente para passar pelo processo depressivo e alcançar a realização do Self (JUNG, OC 14/2).

7.5 “Instrumentalidade” e a descida à Hades

Para entender a relação entre a visão de James Hollis sobre a depressão e o processo depressivo observado no personagem da obra, é necessário analisar os últimos dois episódios do anime e o que é a “Instrumentalidade Humana”, usada na história. No anime, isso era um projeto que visava a evolução do ser humano, cada pessoa deixaria de viver como indivíduo de forma singular e passaria a formar parte de um todo onde as “falhas” emocionais e psicológicas das pessoas deixariam de existir. Para isso, todos que fossem colocados no processo de “instrumentalização” confrontariam suas inseguranças, medos e demais conflitos internos. Durante os últimos dois episódios da série é mostrado o protagonista (Shinji Ikari) passando por tal processo, então, forçando-o a enfrentar seu próprio inconsciente e, ao fim desse evento, acaba o anime com a cena do personagem se aceitando e superando sua depressão, rodeado das pessoas com quem ele se importa e elas o parabenizam. Por isso, pode-se entender esse episódio finais do seriado como a descida ao Hades de Shinji Ikari.

É importante observar o que ocorre durante o evento, no episódio vinte e cinco e vinte e seis o protagonista é forçado a enfrentar todas suas aflições e pensamentos, através da chamada “instrumentalidade humana”. Durante os dois últimos episódios, ele confronta suas inseguranças e pensamentos compulsivos (episódio 25, essas termos cobrem a tela do espectador), e chega em diversas conclusões ao admitir seus sentimentos, expressando seu medo de ser odiado pelo seu pai e por isso a necessidade de pilotar o EVA e receber os elogios, seu medo de ficar sozinho e como não consegue ver os outros em sua consciência. Também percebe que se isola e rejeita a intimidade com outras pessoas por que tem medo de ser rejeitado ou abandonado como foi antes com seus pais. Enquanto freneticamente ele lembra de sua vida e das pessoas em seu redor, ele chega na conclusão “Minha vida não tem valor, por isso me odeio” (episódio 26) mas então também percebe que apesar dele se odiar, os outros não o odeiam e que ele é, de fato, capaz de se amar ao aceitar a si mesmo: “Eu sou eu, quero ser eu. Eu quero ficar aqui, e tudo bem!”.

Destaca-se uma fala de James Hollis sobre a depressão: “a criança cuja necessidade de amor, segurança e afirmação é insuficientemente satisfeita internalizará uma premissa falsa porém inevitável. Essa criança sentirá que não

merece carinho, uma vez que aqueles a quem foi dada não davam valor a ela ; e em segundo lugar, como as primeiras pessoas que cuidam da criança são as mediadoras que estabelecem a interface com o mundo maior, esse primeiro relacionamento se torna o modelo de todos os posteriores” (HOLLIS, 2011, p. 94-95). Essa fala de Hollis representa bastante a situação do personagem observado considerando como todos seus relacionamentos foram afetados pela morte de sua mãe e ausência do pai, que resultaram na falta de amor, segurança e afirmação, como disse Hollis, e fizeram com que ele sempre se sentisse insuficiente e odiado, o que levou ao seu esforço extremo de recuperar essa afirmação que nunca recebeu.

7.5.1 O confronto com a sombra e a descida à Hades

Ao longo de quase todo o anime, é observado o personagem de Shinji Ikari dentro do processo depressivo, vivendo agoniado e carregando um peso maior em sua vida. A história contada mostra ao espectador as diversas questões psicodinâmicas que o personagem lida com, em conjunto ao seu convívio com outras pessoas e como tais relacionamentos interpessoais afetam seu psicológico. Dessa forma, observa-se o protagonista progressivamente sentindo-se mais triste, sozinho e confuso sobre quem ele é, tudo isso sendo resultado dos eventos que ocorrem ao longo da trama, levando ele a momentos de desespero ou raiva. A trajetória do processo depressivo de Shinji leva o observador até os episódios finais da obra (episódios 25 e 26), quando o personagem é forçado a mergulhar em seu inconsciente e precisa confrontar seus conteúdos sombrios, tendo que lidar com suas diversas questões psicodinâmicas e aprendendo a aceitar a si, destacado por sua fala “Eu sou eu. Quero ser eu. E quero ficar aqui. E tudo bem!” (episódio 26). Essa fala marcante de Shinji Ikari remete à frase: “Eu não sou o que me aconteceu, sou o que escolhi ser” (HOLLIS, 2011, p.95), que expressa a superação da depressão como, também, a capacidade do ser de discernir os eventos do passado com quem ele é no agora.

Até o momento que Shinji adentra seu inconsciente, é visto nele um personagem inerte, indeciso e, por isso, dependente das decisões dos outros sobre sua vida. Isso pode ser colocado como uma paralisação externa do indivíduo, resultado do processo depressivo que redireciona a energia psíquica do consciente ao inconsciente, o que é chamado de processo de regressão (SAMUELS, 1988; STEIN, 1998). Nos dois episódios finais, quando Shinji confronta sua sombra, ele passa pelo processo de progressão, no qual possibilita a readaptação do indivíduo ao mundo externo na superação do confronto dos conteúdos internos (STEIN, 1998). Ou seja, até o vigésimo quarto episódio, é observado o processo de regressão do personagem, até que ele adentra seu processo de progressão e, na cena final, é visto o resultado de sua superação dos conteúdos sombrios e do processo depressivo.

O enfrentamento de Shinji contra seus conteúdos sombrios é o que foi chamado, pelo autor e psicólogo James Hollis (2011), de “descida ao Hades”. Destacando que Hades, o reino do submundo, não representa apenas sofrimento e

morte, mas também riquezas e tesouros, o psicólogo implica que a descida ao Hades significa entrar no sofrimento da alma e encontrar suas riquezas. Enquanto no processo depressivo, a pessoa tem sua energia vital e potencial extraídos da alma, e para recuperar tal potencial e vitalidade é necessário que o ser confronte sua sombra, sendo bombardeado por diversos símbolos de seu inconsciente, sentimentos e ideias sombrias. É a partir desse confronto que o indivíduo pode superar a depressão, entendendo melhor a si mesmo e sendo capaz de discernir os acontecimentos passados com quem é agora. Levando essas falas ao personagem analisado, repara-se que ele se apresenta quase o tempo todo no anime de forma cansada e deprimida, sem vitalidade ou iniciativa, o que muda apenas na cena final da obra, mesmo assim, para chegar nessa cena o protagonista confrontou sua sombra, desceu ao “seu Hades” e foi capaz de recuperar seu potencial.

É importante entender a diferença entre os demais episódios do anime e a cena final da obra, após ele superar seu processo depressivo. Como foi dito nos parágrafos anteriores, Shinji Ikari se apresenta sempre como um personagem sem vontade, desanimado e desinteressado com o mundo ao seu redor e que quase nunca mostra um sorriso, além de dependente dos demais para tomar decisões ou agir, assim se tornando o oposto da figura do herói (HILLMAN, 2010, p.34). Na cena final do anime, Shinji acorda de sua descida ao Hades, do confronto com sua sombra, e se encontra rodeado de seus amigos e colegas aplaudindo-o e parabenizando-o pela superação do seu processo depressivo, e então finalmente ele apresenta um olhar mais disposto e ativo, mostrando um sorriso, levando ao fim do episódio e da obra. Dessa forma, nos últimos momentos do episódio, o protagonista mostra uma figura diferente da que foi vista ao longo da história, que andava de acordo com o oposto do herói, sugerido por Hillman (2010), e assumindo então seu papel de herói da obra. O anime acompanha o protagonista em seu processo depressivo até o momento que o supera, mas também pode ser entendido como a jornada do personagem em se tornar um herói

8. Considerações finais

Levando em conta a base teórica sobre depressão na psicologia analítica, que foi apresentada e utilizada no estudo do caso observado no trabalho, e as diversas questões psicodinâmicas destacadas sobre o personagem e sua suposta depressão, é possível afirmar que a obra realmente explora ao longo dos episódios o processo depressivo do protagonista, partindo dele já num estado depressivo até sua saída dessa condição. Dessa forma, o anime leva o protagonista por dois caminhos paralelos: o de superar a depressão e o de se tornar um herói, esses trajetos que o personagem atravessa retomam a visão de Hillman (2010) sobre o depressivo representar o oposto do herói. De certo modo, o autor da história une a superação da depressão com o caminho para se tornar um herói, sendo apenas possível que Shinji salve o mundo após o fim de seu processo depressivo.

O personagem analisado apresenta diversas questões psicodinâmicas que acompanham a depressão, como seu isolamento do mundo externo, o medo de se relacionar, sua apatia e falta de interesse do seu redor. A partir da análise feita, é notável como essas questões se originam de seu relacionamento com seu pai, que se resume em ter sido abandonado aos seus quatro anos de idade com a morte repentina de sua mãe e o abandono completo do pai, que colocou nele o peso do sentimento da culpa. É notável, então, a influência materna e paterna no desenvolvimento da psique do jovem, e como a ausência completa dessas figuras pode causar danos enormes nela também. Exatamente por ser tão importante a presença dessas figuras na vida de uma criança ou um jovem, que percebe-se uma gradual melhora de Shinji em diversos aspectos de sua vida após começar sua vivência com Misato, que assume um papel materno em sua vida.

Outro detalhe importante da análise feita é a comparação da “instrumentalização humana”, do anime, com a “descida ao Hades” ou, simplesmente, o confronto com a própria sombra. A forma como o anime apresenta esse evento é muito semelhante ao confronto com os conteúdos sombrios para superação do processo depressivo. Esse evento ocupa os últimos dois episódios inteiros da obra, mostrando Shinji encarando todos seus conflitos, inseguranças e qualquer outra questão psicodinâmica, e quanto mais enfrenta todos esses conteúdos internos, mais ele entende a si mesmo e avança em direção ao fim do processo depressivo.

Através da obra, é possível perceber como a saúde mental afeta o ser humano, e como a depressão interfere na forma que o jovem interage com o mundo externo e as relações interpessoais. Também é observado, ao longo do processo depressivo, a dificuldade de confrontar a própria sombra e como é exaustivo e estressante lidar com tantas questões psicodinâmicas sozinho ou com pouco suporte emocional.

Levando em consideração o tema e o personagem analisados, destacando a relação dele com seus parentes, com o mundo externo e sua dificuldade em formar relacionamentos interpessoais, pode-se apontar a importância da saúde mental na juventude e como é necessário que o jovem e a criança tenham apoio psicológico de familiares, amigos ou responsáveis. Apesar do personagem ser fictício, suas questões psicodinâmicas e muitas das situações que ele enfrenta na obra são realidades para muitos jovens, expondo assim como é importante a existência de uma rede de apoio psicológico à criança e ao jovem, permitindo que eles desenvolvam-se na vida com o suporte emocional e amenizando dos sofrimentos psíquicos.

9. Referências

ALVARENGA, Maria Zelia de. **Depressão: A dor da alma de quem se perdeu de si mesmo**. Junguiana, p. 19-27, 2007.

AFANASOV, Nikolai. **The Depressed Messiah: Religion, Science Fiction, and Postmodernism in Neon Genesis Evangelion**. State, Religion and Church, p. 47, 2020.

BENEDITO, Vanda Lucia Di Yorio. **ALIENAÇÃO PARENTAL: MUTILAÇÃO DO CASAL PARENTAL ARQUETÍPICO NA PSIQUE INFANTIL**. Família e Identidade, 2021.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **A depressão normal e o futuro da civilização: Um estudo da função estruturante da depressão pela psicologia simbólica junguiana**. Junguiana, p. 7-17, 2007.

CAMPANILE, Luciana Leite Ximenez. **A construção da autonomia no adulto jovem: uma visão contemporânea a partir da abordagem Junguiana**. 2015.

COUTINHO, Lara Andrade. **DEPRESSÃO E SUICÍDIO: UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA**. REVISTA ESFERA ACADÊMICA HUMANAS, p. 54.

DOS SANTOS, Felipe Eduardo Collaço; CHIORATTO, Nycolle; DOS SANTOS, Jéssica Caroline. **ENSAIO SOBRE A MELANCOLIA E DEPRESSÃO**. Anais do EVINCI-UniBrasil, v. 7, n. 2, p. 267-282, 2021.

Drazen, Patrick (2002). ***Anime Explosion! – The What? Why? & Wow! of Japanese Animation*** (em inglês). [S.l.]: Stone Bridge Press.

FIERZ, H.K. **Psiquiatria Junguiana**. Edição 2. São Paulo: Paulus, 1997. 485 p.

GIGLIO, Mirella de Lemos. **Coração das trevas: uma expressão simbólica da depressão**. 2017.

GUARIENTE, J. C. A. **A Depressão, dos sintomas ao tratamento**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Ed. Ltda., 2000. 67 p.

HILLMAN, James. **Re-vendo a psicologia**. Petrópolis: Vozes. 2010.

HILLMAN, James. **O sonho e o mundo das trevas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

HOLLIS, James. **Os pantanais da alma: nova vida em lugares sombrios**. 3ª edição. São Paulo: Paulus, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Editora Vozes Limitada, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Editora Vozes Limitada, 2011.

JÚNIOR, Francisco Purcotes. **O simbolismo da depressão na perspectiva junguiana**. Psicologia Argumento, v. 30, n. 71, 2017.

LOPES, Luis Paulo Brabo. **Depressão e o processo de individuação: aspectos psicodinâmicos, pessoais, coletivos e arquetípicos da depressão psicogênica**. 2017. [99 f.]. Dissertação(Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, [Seropédica - RJ].

PEREIRA, Josieldo Silva. **Da Terra Vermelha vêm os humanos: comunicação inter-religiosa na semiosfera xinto-budista-cristã de Neon Genesis Evangelion**. 2019.

ZAGONEL, Maurício Luís; VELLA, Giovanni. **A morte como passagem da alma para o Hades**. PAULUS: COMFILOTEC, v. 9, n. 5, 2019.

SAMUELS, Andrew. **The plural psyche: Personality, morality and the father**. Routledge, 2016.